

Poesia para os pés e para a vida

Adriana Maria Loureiro
Carla Cordeiro Marça

*O meu olhar é nítido como um girassol. (...)
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto*

Alberto Caeiro
(Heterônimo de Fernando Pessoa)

Um livro que conta histórias sobre a Bossa Nova nos revela um fato pitoresco. João Gilberto, em sua juventude, foi internado pela família em um manicômio. Considerado louco, o compositor estava, certo dia, olhando pela janela de seu quarto quando uma enfermeira entrou e perguntou o que estava fazendo. João respondeu que estava “olhando o vento descabelar as árvores”. A enfermeira o interpelou, talvez no afã de mostrar lucidez, alegando que árvores não possuem cabelos. João, meio desanimado, respondeu: “E tem gente que não tem poesia”.

O olhar do jovem João viu o que nem existia fisicamente, mas que estava ali o tempo todo e não havia sido enxergado ainda. E é sobre o que ainda não se vê que vamos tratar neste breve texto.

Sabemos o poder e os diversos significados que uma imagem pode ter. Isso se dá por toda imagem incorporar uma forma de ver. No entanto, a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos.

Quando lemos o texto “*Porta de colégio*”, de Affonso Romano de Sant’Anna (2004), percebemos a relação existente entre o cotidiano vivido pelos estudantes ao circularem pela porta da sua escola e seus possíveis futuros. O poeta trata a movimentação desses alunos com uma sensação nítida de que aquilo era a porta da própria vida, como ele mesmo afirma.

E essa sensação pode ser esclarecida por BERGER (1983) da seguinte maneira:

Nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos. Nossa visão está continuamente ativa, continuamente em movimento, continuamente captando as coisas num círculo à sua própria volta, constituindo aquilo presente para nós do modo como estamos situados.

Assim, ao olharmos para os pés de um bebê, podemos ver coisas que ainda não estão ali. Alvos de ternura, carinho e muitos outros sentimentos, aqueles pés sustentarão coisas que nem imaginamos ao longo de uma vida. E quanta poesia poderemos encontrar nos calos que se criarão com o tempo por uma vida amplamente vivida. Pés que são o suporte do futuro. Ao vermos a imagem tranqüila daqueles pezinhos que se preparam para a jornada da vida quase sussurramos para não acordá-los, quase cantamos cantigas de ninar para deixá-los dormir enquanto ainda não é hora de correr, pular, descobrir o mundo. Mesmo sabendo que pés não dormem. Mesmo sabendo que o mundo é visto pelos olhos, mas descoberto nas caminhadas que estão por vir. E se for o caso, sejamos todos internados em um manicômio para enxergarmos e sentirmos a vida pela poesia das árvores, dos pés de uma criança, das coisas simples do mundo. E que nossas escolas sejam menos “enfermeiras” e mais “loucas” para perceberem o invisível no singelo. Porque a vida surge de onde menos se espera. Basta ficarmos com os olhos abertos para, seguindo os passos do poeta citado em nossa epígrafe, poderemos nos sentir “nascidos a cada momento / para a eterna novidade do mundo”.

**REFERÊNCIA:**

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

sobre o(a) autor(a):

Adriana Maria Loureiro: Professora do Colégio Técnico da UFRRJ e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da UFRRJ.

Carla Cordeiro Marçal: Graduanda do Curso de Pedagogia do IM/UFRRJ/Nova Iguaçu. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e Arte (IM/UFRRJ – IA/UERJ).